

A REVUE SPIRITE (1858-1869) E AS COMUNIDADES DE LEITORES DAS OBRAS DE ALLAN KARDEC

Larissa Camacho Carvalho

Bolsista de Doutorado – CNPq
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS
camachocarvalho@yahoo.com.br

Vinícius Lima Lousada

Bolsista de Doutorado – CNPq
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS
vlousada@hotmail.com

O Brasil é o país com maior número de espíritas do mundo. Segundo dados de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os adeptos da doutrina espírita que assim se assumem somam 2,3 milhões de brasileiros, 1,3% da população do país. Dentro do âmbito desta instituição organizada, no ano de 2008 ocorreram comemorações pelos cento e cinquenta anos de publicação da *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, periódico lançado em Paris, na França, no ano de 1858, por Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec.

Hippolyte nasceu em três de outubro de 1804, na cidade de Lyon, França, sob o império de Bonaparte, período bastante conturbado na história francesa, numa família de magistrados. Quando completou doze anos, em 1816, Hippolyte foi enviado pelos seus pais para a cidade de Yverdum, na Suíça, aos cuidados do educador Johann Heinrich Pestalozzi. Lá ficou por oito anos retornando a França após esse período. Estabeleceu-se em Paris e ali, profundo conhecedor da língua alemã, traduzia, para esse idioma, obras de educação e de moral, em especial as obras de Fénelon¹.

¹ Sobre as obras de Fénelon numa análise da sua circulação, ver BASTOS, M. H. C. . Inventário de uma obra: As Aventuras de Telêmaco, de Fénelon.. In: VII Congresso Luso-Brasileiro de História

Em 1835, o discípulo de Pestalozzi fundou em sua casa dois cursos gratuitos em que ensinava química, física, anatomia comparada, astronomia entre outros. Escreveu várias obras de educação, dentre elas:

Plano proposto para a melhoria da instrução pública (1828); *Curso prático e teórico de aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos instrutores e das mães de família (1829); *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos exames para os diplomas de capacidade; Soluções lógicas das perguntas e problemas de aritmética e de geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de química, física, astronomia, fisiologia*, que ele professava no LYCÉE POLYMATIQUE; *Ditados normais dos exames do Hôtel-de-Ville e da Sorbonne*, acompanhados de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849). (KARDEC, 2005b, p. 186-187)

A partir de 1850, Hippolyte tomou ciência de alguns fenômenos que estavam ocorrendo nos salões parisienses onde mesas movimentavam-se sem o concurso de nenhuma força material, este fenômeno foi denominado “mesas girantes”. O Sr. Rivail iniciou estudos sobre estes fenômenos coletando inúmeros cadernos, com amigos pessoais, que continham manuscritos sobre filosofia, ciência e moral que os sujeitos (ganhando posteriormente a nomenclatura de médiuns) diziam serem ditadas a eles por homens e mulheres falecidos, posteriormente denominados espíritos desencarnados.

A partir do estudo do material coletado, Hippolyte publicou, no ano de 1857 na França, *O Livro dos Espíritos*, fundando, assim, o Espiritismo ou doutrina dos espíritos:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espírita*, *espírita*, *espírita* têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. (...) Em vez das palavras *espírita*, *espírita*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espírita*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem

da Educação, 2008, Porto. VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Cultura escolar, Migrações e Cidadania. Porto : Universidade do Porto, 2008. v. 1. p. 15-28

de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a acepção que lhe é própria. (KERDEC, 2006, p. 15-16)

Essa obra e a conseqüente fundação do Espiritismo é a responsável pela produção de impressos relacionados à temática espírita que se disseminaram pelo mundo todo. O primeiro desses foi o impresso de periodicidade mensal publicado pelo próprio Hippolyte, porém já utilizando o pseudônimo que adotaria para todas as publicações espíritas a partir de 1857 – Allan Kardec –, a *Revue Spirite: journal d'études psychologiques* (Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos) lançada em 1º de janeiro do ano de 1858. Essa revista tornou-se o órgão de comunicação eficaz entre os adeptos da nova doutrina e Allan Kardec.

No Brasil, segundo José Roberto de Lima Dias, o Espiritismo é introduzido no ano de 1865 “com a institucionalização da primeira sociedade denominada Grupo Familiar do Espiritismo” (2006, p. 23) fundado por Luiz Olympio Telles de Menezes² que também foi quem fundou a imprensa espírita no Brasil. Atualmente as publicações de obras espíritas no país possuem tiragens em número próximo das alcançadas por obras de autores como Paulo Coelho e Jorge Amado. Os periódicos classificados como espíritas também são contados às dezenas e possuem vendas significativas.

Também as sociedades espíritas são numerosas no país. A maioria delas conta com grupos de estudos das obras de Allan Kardec. Pelo histórico de sua inserção no país e pela manutenção das orientações do seu fundador, o Espiritismo e a identificação dos seus adeptos, no Brasil, possui estreita relação com a prática da leitura das obras espíritas. Leituras coletivas, engendradas por leitores que, por vezes, lêem pouco ou somente obras desse determinado gênero, embora existam muitos gêneros dentro da categoria espírita – romances espíritas, filosofia espírita, ciência espírita entre outros –, práticas que chamam a atenção

² Luís Olímpio Teles de Menezes (1825-1893) foi jornalista, redator do periódico *A época literária*, *Diário da Bahia*, *Jornal da Bahia* e *O Interêsse Público*. Foi tesoureiro do Instituto Histórico da Bahia (Dias, 2006, p. 25).

de antropólogos, historiadores e sociólogos, mas que, no âmbito da história das práticas de leitura e da história do livro no Brasil, contam com poucas análises.

O *Livro dos Espíritos* e os demais livros espíritas disseminaram, no Brasil, comunidades de leitores. Essas vigoram amplamente no Brasil dos nossos dias, embora hoje essas comunidades se disseminem a partir de práticas de leituras em espaços públicos, prioritariamente. Há vários tipos de comunidades de leitores das obras espíritas no Brasil e, por conta da comemoração dos 150 anos da Revista Espírita, trataremos aqui de realizar uma breve incursão analítica no volume do primeiro ano de publicação desse periódico com o auxílio do suporte teórico fornecido pelos estudos da História do Livro, no âmbito da História Cultural (Certeau, 1994; Chartier, 1999a, 1999b, 2003), salientando a disseminação e ampla divulgação dessa revista, especialmente no Brasil, a partir da comemoração de seu sesquicentenário.

A *Revue Spirite* foi editada por Allan Kardec do ano de 1858 até 1869 – ano de seu falecimento. No Brasil, a revista conta com três traduções: pela Editora IDE (do Instituto de difusão Espírita) com tradução de Salvador Gentile, pela Editora Cultural Espírita Edicel com tradução de Júlio Abreu Filho e, a mais recente, pela editora da Federação Espírita Brasileira com tradução de Evandro Noletto Bezerra.

A Federação Espírita do Paraná (FEP) possui uma biblioteca virtual de obras raras³ onde encontramos, digitalizados, os volumes do original francês da Revista Espírita do ano de sua fundação até 1888. Porém, encontramos no site apenas os volumes anuais encadernados num único exemplar que foram assim organizados por Allan Kardec e vendidos para o mundo todo. O exemplar, encontrado na biblioteca da

³ <http://www.bibliotecaespirita.com/>

FEP, em Curitiba, do ano de 1858 foi doado em 1933, contendo uma dedicatória manuscrita referente a essa doação e outra com a data de quinze de fevereiro de 1888, possivelmente o ano da aquisição desse raro exemplar.

Esta edição, constituindo o volume único do ano de 1858, traz em suas primeiras páginas a indicação das obras do Sr. Allan Kardec sobre o Espiritismo contendo o resumo das mesmas, a edição em que se encontra, o formato da brochura, o preço, esclarecendo que a tradução da obra é autorizada em todas as línguas sob a única condição de ser remetido ao autor, Allan Kardec, cinquenta exemplares da mesma. Também estão relacionadas outras obras encontradas no escritório da Revista Espírita como Palavras de um católico sobre o Espiritismo, História de Joana D'Arc ditada por ela mesma, Fragmentos de Sonata⁴. A referência à Coleção da Revista Espírita abrange até o número de 1861, o que nos permite afirmar que esse volume único da edição de 1858 foi lançado no ano de 1862.

A obra possui o total de trezentos e cinquenta e seis páginas. Ao final contém uma *tabela geral das matérias do primeiro volume* onde apresenta todos os assuntos tratados no ano de 1858, dentro de cada mês com a especificação do mês de referência e a página, o sumário da obra. No corpo do texto, ao terminar as matérias de um mês e iniciar as do outro mês, não há referência do mês a que se refere as matérias. Há, apenas, a repetição, no início das matérias referentes a cada mês, do título do periódico no topo da página.

Ao final das matérias de alguns meses, no rodapé da página, centralizado, há a indicação da impressão da revista: "Paris. – Typ. H. Carion, rue Bonaparte, 64." Em outros meses, ao final das matérias, apenas encontramos a assinatura de Allan Kardec. Percebemos na Revista Espírita a forte inscrição do autor da obra a partir dessa assinatura ao final de cada mês da revista e na página de rosto da mesma. Kardec foi o único editor da revista desde o lançamento da

⁴ Livre tradução do original.

mesma até sua morte. Também foi ele que a manteve financeiramente, através de dinheiro próprio, doações de simpatizantes do Espiritismo, assinaturas. Essa independência financeira que o desliga de quaisquer obrigações com editores lhe dá o direito de reivindicar a paternidade das obras que publica⁵, embora só o faça através das marcas deixadas nos volumes da Revista – as assinaturas.

A respeito da página de rosto do volume único da *Revue* de 1858, encontramos o subtítulo – *D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES* – ocupando maior espaço na página, abaixo da indicação *REVUE SPIRITE* e *JOURNAL* que ocupa espaço reduzido. Em seguida a inscrição: *Publié sous la direction*, numa próxima linha: *de*, em letras maiúsculas, porém tamanho pequeno; em seguida aparece o nome de Allan Kardec, em negrito, com letras menores que as do subtítulo, centralizado na página. Após o nome do autor encontramos um dístico, alinhado à direita. Abaixo a indicação do ano do volume da revista: *PREMIÈRE ANNEE. – 1858*. Ainda encontramos no rodapé da página a cidade de impressão, Paris, com letras grandes e maiúsculas e o local onde é vendido o volume para possíveis compradores.

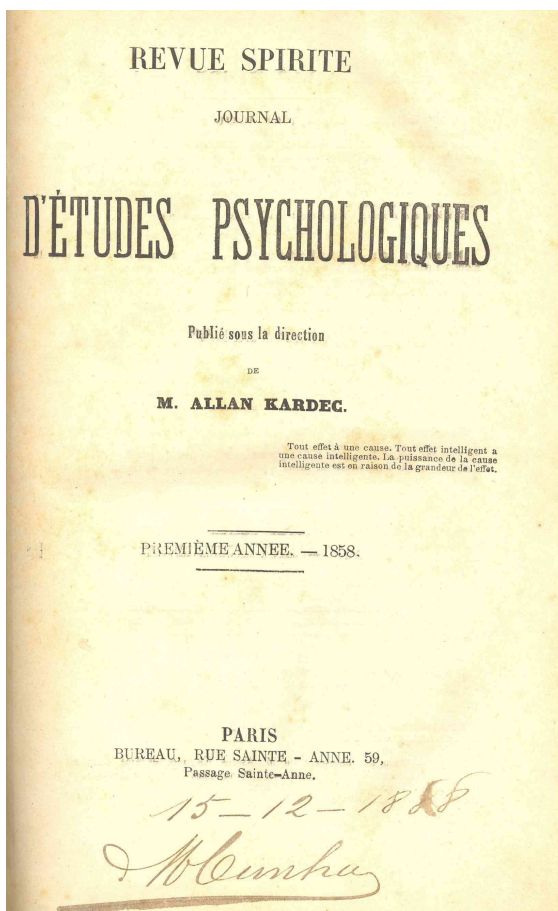
Marcas das independências conquistadas, não vemos menção de privilégios ou marca de alguma autoridade. A Revista, em sua página de rosto, apresenta-nos a sua realidade: o editor, cujo nome encontra-se centralizado na página, é o organizador da obra, escritor de grande parte das matérias que ali serão publicadas e do controle das mesmas. Também apresenta-se a questão do mercado com o endereço onde a obra poderá ser adquirida. Uma outra enunciação marcada com distinção pelo espaço que ocupa na página é a pertença ao ramo de estudos psicológicos e não a qualquer outro ramo das ciências.

Da mesma forma que Kardec assume a propriedade da obra, toma para si, igualmente, a responsabilidade penal dessa produção e, ao longo dos volumes, quando lhe são atribuídas acusações de qualquer ordem, é o próprio editor que responde, publicamente, aos seus

⁵ Sobre isso, ver Roger Chartier, 1999, o capítulo intitulado *Figuras do autor*.

contraditores. O mesmo é demonstrado pela não identificação dos remetentes de missivas as quais são publicadas na *Revue*. Kardec coloca apenas a primeira letra de quem remeteu a missiva, a notícia, somente publicando o nome completo quando isto lhe é rogado e antes de fazê-lo anuncia a decisão no próprio número da revista em que o artigo referente a carta será publicado, assumindo, assim, toda a responsabilidade pelo que é publicado na Revista Espírita. Essa análise da assinatura do autor (nesse caso também editor) é importante para pensarmos posteriores reflexões a respeito da relação entre os leitores e as obras espíritas assinadas por Allan Kardec:

Inscrita nos próprios livros, ordenando as tentativas que visam ordenar o inventário das obras, comandando o regime de publicação dos textos, a função-autor está, apesar de tudo, no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores. (Chartier, 1999b, p. 58)



Referentemente ao conteúdo da apresentação do primeiro volume utilizaremos a tradução brasileira mais recente da Revista Espírita. Neste, Kardec anuncia o caráter que pretende dar a publicação que está sendo lançada:

“Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não *disputaremos*.” (Kardec, 2005a, p. 24)

Kardec admite, assim, o caráter acolhedor das opiniões dos seus leitores, embora sem contendas. Essa proposta assenta no fato de já haver Kardec recebido inúmeras manifestações contra a doutrina filosófica por ele apresentada. Algumas de caráter aprovativo, outras difamatórias. Desta forma, a Revista Espírita se propõe acolher críticas, refutações das análises espíritas, sugestões e todo tipo de opiniões, embora com restrições às respostas que seriam levadas a efeito.

Nesta mesma introdução, após um breve resumo sobre a antiguidade das manifestações entre o mundo material e o mundo dos espíritos, Kardec anunciará os assuntos que interessarão à publicação:

“(…) seremos, pois, bastante reconhecidos pelas comunicações que houverem por bem transmitir-nos acerca dos diversos assuntos de nossos estudos; a esse respeito chamamos a atenção para os seguintes pontos, sobre os quais poderão fornecer documentos:”

“1.º) Manifestações materiais ou inteligentes obtidas nas reuniões às quais assistirem;”

“2.º) Fatos de lucidez sonambúlica e de êxtase;”

“3.º) Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos, etc.;”

“4.º) Fatos relativos ao poder oculto, atribuídos com ou sem razão a certos indivíduos;”

“5.º) Lendas e crenças populares;”

“6.º) Fatos de visões e aparições;”

“7.º) Fenômenos psicológicos particulares, que por vezes ocorrem no instante da morte;”

“8.º) Problemas morais e psicológicos a resolver;”

“9.º) Fatos morais, atos notáveis de devotamento e abnegação, dos quais possa ser útil propagar o exemplo;”

“10.º) Indicações de obras antigas ou modernas, francesas ou estrangeiras, onde se encontrem fatos relativos à manifestação de inteligências ocultas, com a designação e, se possível, a citação das passagens. Do mesmo modo, no que diz respeito à

opinião emitida sobre a existência dos Espíritos e suas relações com os homens, por autores antigos ou modernos, cujo nome e saber possam lhes dar autoridade.” (Kardec, 2005a, p. 28)

Assim, a Revista Espírita guardará, em seus volumes posteriores, espaço para a publicação de cartas recebidas de seus leitores, relatos de palestras de além-túmulo com perguntas propostas aos espíritos sobre assuntos de diversas áreas da ciência, filosofia, moral, bem como reproduziria notícias de periódicos que tratassem de fantasmagoria – na tentativa de realizar uma análise com base na nova doutrina filosófica que era proposta – ou refutações a críticas endereçadas ao Espiritismo feitas em periódicos de circulação geral na França e mesmo em outros países.

Essa relação que o autor estabelece com seus leitores fomenta a própria constituição dos volumes do periódico. Em alguns deles, Kardec anuncia cartas de deixou de publicar por ocasião do espaço restrito do impresso e da emergência de alguma matéria que não permitiu fossem publicadas todas as cartas recebidas dos leitores:

A abundância de matérias não nos permite inserir neste número o Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Dá-lo-emos no do mês de dezembro, num suplemento, assim como várias outras comunicações que a falta de espaço nos levou a adiar. (KARDEC, 2005a, p. 460)

Desta forma, os leitores são estimulados a continuarem acompanhando os próximos volumes da publicação e contribuírem para a constituição dos mesmos com o envio de comunicações, cartas, mensagens. Esta relação autor/autor igualmente enseja a fundação de associações, grupos familiares espíritas que começam a se reunir para ler a *Revue Spirite* e as outras obras de Allan Kardec. Inicia-se, assim, a constituição de comunidades de leitores dessas publicações estimulados por essa comunicação com o fundador da doutrina propiciada pela divulgação do Espiritismo através da Revista. Kardec observa o surgimento dessas comunidades na obra *Viagem Espírita em 1862*:

Recentemente formaram-se alguns grupos especiais, cuja multiplicação jamais deixaríamos de encorajar: são os denominados *grupos de ensino*. Neles, ocupam-se pouco ou nada das manifestações, mas, sim, da leitura e da explicação de *O Livro dos Espíritos*, de *O Livro dos Médiuns* e de artigos da *Revista Espírita*. Algumas pessoas devotadas reúnem com esse objetivo certo número de ouvintes, suprimindo para eles as dificuldades de ler e estudar por si mesmos. Aplaudimos de todo o coração essa iniciativa que, esperamos, terá imitadores e não poderá, em se desenvolvendo, deixar de produzir os mais felizes resultados. Para isso não se tem necessidade de ser orador ou professor; é uma leitura em família, seguida de algumas explicações sem pretensão à eloquência, e que está ao alcance de toda gente. (Kardec, 2007, p. 134-135)

Esse episódio observado por Kardec é das primeiras observações suas a respeito de grupos de ensino. No Brasil, atualmente, há vários deles, com outras denominações, mas com sistemática semelhante à descrita por Kardec. São essas práticas que fizeram com que nos debruçássemos sobre as obras que marcaram a fundação do Espiritismo, pois os livros espíritas bem como a *Revista Espírita*, embora não sejam romances e possuam, todos, mais de cento e quarenta anos de existência, até hoje são responsáveis pela formação de comunidades de leitores no mundo todo, mas especialmente aqui no Brasil.

Essas comunidades ensejam, ainda, análises relativas às práticas de leituras contemporâneas das obras de Allan Kardec, comparações com as práticas de leituras de leitores contemporâneos à Kardec, as várias apropriações da obra e a própria transformação dos textos a partir de suas traduções e edições. E tendo presente que “os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados” (Chartier, 1999b, p. 17), as práticas de leituras dos diferentes leitores destes textos assumem diferentes formas independente da vontade disciplinante do autor e com os diferentes leitores no tempo e no espaço das obras de Allan Kardec, esse trabalho apresenta uma das possíveis visões sobre um recorte de uma variedade de análises que podem ser realizadas nesse campo de estudos da História do Livro, das Práticas de Leituras e do Espiritismo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Inventário de uma obra**: As Aventuras de Telêmaco, de Fénelon. In: Anais do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2008, Porto. VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Cultura escolar, Migrações e Cidadania. Porto : Universidade do Porto, 2008. v. 1. p. 15-28, disponível em http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_finais/MA1035.pdf. Acesso em: 18 agosto 2009, 14:45:30.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999a.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.

_____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

DIAS, José Roberto de Lima. **A Evolução (1892-1893)**: uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

KARDEC, Allan. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos – 1859. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005a.

_____. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos – 1869. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005b.

_____. **O livro dos espíritos**. 87ª Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

_____. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Allan Kardec**. 2ª

Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

SANTOS, Dalmo Duque dos. **A nova história do Espiritismo**: dos precursores de Allan Kardec a Chico Xavier. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

SAUSSE, Henri. Biografia de Allan Kardec. In.: KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos, com o resumo dos princípios da doutrina espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas. 55ª Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.